ESCOLHA PROFISSIONAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

CAREER CHOICE AND ETHNIC-RACIAL RELATIONS: AN EXPERIENCE REPORT OF A UNIVERSITY EXTENSION ACTIVITY

Marcos de Freitas - marcos.freitas@aluno.facmais.edu.br
Faculdade Mais de Ituiutaba

Milene Alves Pereira - milene.alves@aluno.facmais.edu.br
Faculdade Mais de Ituiutaba

Muryel Ribeiro Sampaio - muryel.sampaio@aluno.facmais.edu.br
Faculdade Mais de Ituiutaba

Marina Gomes de Araujo - marina.araujo@facmais.edu.br
Faculdade Mais de Ituiutaba

RESUMO

A extensão universitária constitui um importante eixo da formação em Psicologia ao promover a aproximação entre universidade e comunidade, favorecendo experiências que articulam ensino, prática e compromisso social. Este artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por acadêmicos do curso de Psicologia durante o planejamento, desenvolvimento e reflexão de uma atividade extensionista realizada com estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual do município de Ituiutaba-MG. A ação foi organizada com o propósito de estimular discussões acerca da escolha profissional, das expectativas de futuro e das relações étnico-raciais, utilizando estratégias de escuta, diálogo e reflexão coletiva fundamentadas na Psicologia Crítica e Social. Ao longo da atividade, observou-se que os encontros favoreceram a problematização das desigualdades sociais e raciais presentes nas trajetórias educacionais e profissionais dos estudantes, bem como possibilitaram aos extensionistas ampliar sua compreensão acerca dos impactos do racismo estrutural, da ameaça do estereótipo e das barreiras sociais na construção dos projetos de vida. A experiência evidenciou, ainda, a relevância da escola como espaço de promoção do diálogo, do fortalecimento identitário e da valorização da representatividade racial. Para os acadêmicos de Psicologia, a atividade constituiu uma oportunidade de desenvolver competências relacionadas à escuta qualificada, à atuação psicossocial e ao compromisso ético-político da profissão, reafirmando o potencial da extensão universitária como estratégia de formação crítica e de aproximação entre universidade e sociedade.

Palavras-chave: extensão universitária; Psicologia; escolha profissional; relações étnico-raciais; formação acadêmica.

ABSTRACT

University extension plays a fundamental role in Psychology education by strengthening the relationship between universities and communities while integrating teaching, practice, and social commitment. This paper aims to report the experience of Psychology undergraduate students during the planning, implementation, and reflection of an extension activity carried out with high school students from a public school in Ituiutaba, Minas Gerais, Brazil. The activity was designed to encourage discussions about career choice, future expectations, and ethnic-racial relations through dialogue, active listening, and collective reflection grounded in Critical and Social Psychology. Throughout the experience, the meetings promoted critical reflections on the social and racial inequalities that influence educational and professional trajectories, while also enabling the extension students to deepen their understanding of structural racism, stereotype threat, and the social barriers affecting career planning. The experience also highlighted the importance of schools as spaces for dialogue, identity strengthening, and the appreciation of racial representation. For the Psychology students, the extension activity contributed to the development of professional competencies related to qualified listening, psychosocial practice, and the ethicalpolitical commitment of Psychology, reinforcing the relevance of university extension as a strategy for critical education and university-community engagement.

Keywords: university extension; Psychology; career choice; ethnic-racial relations; academic education.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária constitui um dos pilares da formação no ensino superior brasileiro, ao promover a integração entre universidade e comunidade por meio de ações que articulam ensino, pesquisa e compromisso social. No âmbito da Psicologia, as atividades extensionistas representam importantes oportunidades para que os acadêmicos desenvolvam competências técnicas, éticas e políticas, aproximando os referenciais teóricos das demandas concretas vivenciadas nos diferentes contextos sociais. Essa aproximação favorece uma formação crítica e comprometida com a transformação da realidade, permitindo que futuros profissionais compreendam os fenômenos psicológicos em sua dimensão histórica, social e cultural.

Entre os diversos desafios presentes na atuação da Psicologia destaca-se a orientação para a escolha profissional, especialmente quando desenvolvida com adolescentes em processo de construção de seus projetos de vida. Embora essa temática tenha sido tradicionalmente abordada sob perspectivas individualizantes e meritocráticas, a Psicologia Crítica e Social propõe compreendê-la a partir das condições objetivas que atravessam a constituição dos sujeitos, reconhecendo que as escolhas profissionais são

influenciadas por fatores econômicos, sociais, culturais e políticos que delimitam oportunidades e produzem desigualdades.

Nesse contexto, as relações étnico-raciais assumem papel central na compreensão das trajetórias escolares e profissionais da juventude negra. Conforme Almeida (2019), o racismo constitui um elemento estrutural da sociedade brasileira, produzindo desigualdades que extrapolam episódios individuais de discriminação e interferem diretamente nas possibilidades de acesso, permanência e ascensão nos diferentes espaços sociais. Em diálogo com essa perspectiva, Carneiro (2023) evidencia que o dispositivo de racialidade opera por meio de instituições, discursos e práticas que contribuem para a manutenção das desigualdades e para a produção de processos de exclusão e silenciamento.

No ambiente escolar, essas estruturas podem repercutir na construção da identidade, na percepção das próprias capacidades e na elaboração dos projetos de futuro. Estudos sobre a ameaça do estereótipo (Steele; Aronson, 1995; Schmader; Johns; Forbes, 2008) demonstram que a vivência de estigmas sociais pode produzir impactos significativos no desempenho acadêmico, no sentimento de pertencimento e na confiança dos estudantes, reforçando a importância de espaços educativos que promovam o diálogo, a valorização da diversidade e o fortalecimento identitário.

Diante desse cenário, a extensão universitária apresenta-se como uma estratégia capaz de aproximar universidade e escola, favorecendo ações educativas fundamentadas na escuta, no diálogo e na reflexão crítica sobre questões que atravessam a realidade dos estudantes. Além de contribuir para a comunidade atendida, essas experiências possibilitam aos acadêmicos vivenciar situações concretas de atuação profissional, exercitando competências relacionadas à intervenção psicossocial, à escuta qualificada e ao compromisso ético com a promoção dos direitos humanos.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo relatar a experiência vivenciada por acadêmicos do curso de Psicologia durante o planejamento, desenvolvimento e reflexão de uma atividade extensionista realizada com estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual do município de Ituiutaba-MG. A atividade abordou questões relacionadas à escolha profissional, às expectativas de futuro e às relações étnico-raciais, constituindo-se como uma experiência formativa que possibilitou importantes reflexões acerca do papel social da Psicologia, da extensão universitária e da construção de práticas comprometidas com a equidade e a justiça social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O racismo estrutural e o dispositivo de racialidade na subjetividade

A discussão sobre escolha profissional no contexto das ações extensionistas demanda compreender, inevitavelmente, romper com a ilusão de que o sujeito é um átomo isolado, cujas decisões dependem puramente de seu esforço ou livre arbítrio. A constituição da subjetividade humana é atravessada pelas coordenadas históricas, econômicas e sociais que organizam a realidade. No cenário brasileiro, a coordenada mais profunda e estruturante é o racismo.

Conforme aponta Almeida (2019), o racismo não deve ser entendido como um ato de patologia individual ou uma disfunção institucional isolada, mas sim como uma engrenagem que constitui a própria estrutura econômica, política e jurídica da sociedade, distribuindo privilégios e desvantagens sistemáticas a partir da clivagem racial. É sob esse teto estrutural que o jovem negro periférico precisa desenhar os horizontes do que considera possível para si.

Essa engrenagem macroestrutural ganha contornos subjetivos específicos quando analisada a partir do conceito de "dispositivo de racialidade", formulado por Carneiro (2023). Inspirada na perspectiva foucaultiana, a autora demonstra que o dispositivo opera como uma rede que conecta discursos, instituições, leis e enunciados científicos com o objetivo explícito de produzir e legitimar a supremacia branca e a subalternização negra. Na prática cotidiana e escolar, esse dispositivo atua silenciando saberes e interditando corpos, configurando o que Carneiro (2023) conceitua como epistemicídio: a negação da humanidade e da capacidade intelectual do sujeito negro, apagando suas contribuições históricas e restringindo sua agência.

O impacto psicossocial desse processo é teorizado de forma cirúrgica por Fanon (2008, p. 43) em sua clássica obra *Pele negra, máscaras brancas*. O autor elucida que a violência colonial provoca uma neurose coletiva na qual o sujeito colonizado e racializado é induzido a internalizar o olhar depreciativo do opressor, gerando um complexo de inferioridade que fragmenta o seu ego. Diante de uma sociedade que elege o referencial branco como o único sinônimo de beleza, inteligência, humanidade e sucesso, o jovem negro é empurrado para um estado de alienação psíquica, onde o "tornar-se negro" torna-se um processo doloroso de desmantelamento de si para tentar caber nas expectativas de um mundo eurocêntrico.

Esse cenário de exclusão social é historicamente enraizado. Como bem descreve Fernandes (2013) em sua obra fundamental sobre a integração do negro na sociedade de classes, a abolição da escravidão no Brasil ocorreu de maneira a empurrar a população negra para as margens do novo mercado de trabalho assalariado, sem qualquer amparo político ou econômico. Fazendo com que o branco vivencie os méritos da escravidão, enquanto o preto vivencia os deméritos de um povo escravizado. Essa "não integração" deliberada visa perpetuar o negro na condição de despossuído, consolidando um sistema onde a cor de pele permaneceu associada ao cativeiro social. A contemporaneidade herda e sofistica essa estrutura: ao cruzar a análise histórica de Fernandes (2013) com a leitura psicossocial de Fanon (2008) e Carneiro (2023), percebemos que o jovem negro de escola pública não enfrenta apenas barreiras materiais na transição para o mercado de trabalho, mas lida com o peso subjetivo de um dispositivo secular que insiste em moldar o seu sofrimento e em capturar os seus sonhos.

A ameaça do estereótipo (TAE) e o desengajamento escolar.

Para além das macroestruturas, o racismo se manifesta em dinâmicas psicossociais sutis e altamente sofisticadas no cotidiano escolar, operando diretamente sobre o desempenho e o bem-estar psicológico dos estudantes. Uma das principais ferramentas conceituais para mapear essa dimensão é a teoria da ameaça do estereótipo (TAE), formulada originalmente pelos

psicólogos sociais Steele e Aronson (1995). A TAE refere-se ao medo ou ansiedade que indivíduos de grupos socialmente estigmatizados sentem de confirmar um estereótipo negativo associado ao seu grupo em uma situação de avaliação ou desempenho intelectual. No caso de estudantes negros, a presença crônica do estereótipo social de que seriam intelectualmente inferiores ou menos capazes atua como um estressor situacional invisível. Quando colocados diante de desafios acadêmicos, esses jovens passam a carregar um duplo fardo: a complexidade da tarefa em si e o peso psicológico de saber que seu fracasso individual pode ser lido como uma validação do preconceito racial que pesa sobre toda a sua coletividade.

O funcionamento interno desse fenômeno foi detalhado por Schmader, Johns e Forbes (2008) por meio do chamado modelo de processo integrado. Os autores demonstram que a ativação da ameaça do estereótipo consome recursos cognitivos vitais do sujeito. Psiquicamente, a mente do estudante se divide: parte de sua atenção foca na execução da atividade acadêmica, enquanto a outra parte substancial é drenada pela autovigilância e pelo monitoramento constante do próprio desempenho e do olhar alheio. Essa divisão sobrecarrega a memória de trabalho, gerando ansiedade e afetando diretamente o raciocínio lógico e a performance nos testes.

Com o tempo, a exposição contínua a essa pressão psicológica crônica produz uma estratégia de enfrentamento defensiva por parte do estudante: o desengajamento escolar ou desidentificação acadêmica, conforme apontam os mesmos autores. Para proteger sua autoestima do sofrimento psicológico gerado pelo fracasso antecipado e pela hostilidade ambiental, o jovem negro passa a se afastar emocional e intelectualmente das atividades escolares, deixando de investir em suas aspirações acadêmicas e esvaziando o sentido da escola em sua vida.

A escola, portanto, deixa de ser um terreno neutro de meritocracia e passa a atuar, muitas vezes, como o cenário principal de ativação desse dispositivo de opressão subjetiva. O sofrimento gerado pela TAE se agrava quando o ambiente tolera microagressões e discursos preconceituosos disfarçados de piadas. Esse "racismo recreativo", exaustivamente debatido na literatura contemporânea por autores como Silva (2019), atua desgastando silenciosamente a saúde mental do aluno, que se vê obrigado a gastar energia psíquica em estado de alerta e autodefesa constante. É nesse ponto que a psicologia crítica e as políticas educacionais precisam intervir, em vez de patologizar o estudante negro rotulando-o como "desinteressado" ou "incapaz", faz-se urgente reconhecer que o desengajamento é uma resposta defensiva à violência de um ecossistema escolar que ativou barreiras invisíveis ao seu pleno desenvolvimento cognitivo e emocional.

O pacto da branquitude e as barreiras no mercado de trabalho

As barreiras subjetivas e institucionais cultivadas no ambiente escolar estendem seus tentáculos de maneira incisiva quando o jovem negro projeta ou inicia sua inserção no mercado de trabalho. Para analisar essa dinâmica de exclusão corporativa e profissional, é indispensável recorrer às formulações de Bento (2022) sobre o pacto narcísico da branquitude. A autora conceitua a branquitude não apenas como uma identidade racial, mas como uma posição

de poder e privilégio econômico estrutural que se auto preserva por meio de alianças silenciosas entre sujeitos brancos.

O pacto opera de forma implícita e não verbalizada, as instâncias decisórias majoritariamente ocupadas por pessoas brancas, tendem a recrutar, promover e proteger seus pares sob o pretexto de critérios supostamente técnicos, como "mérito", "capacidade de liderança" ou "perfil adequado". Na realidade, esses critérios camuflam uma preferência estética e comportamental eurocêntrica, gerando um fechamento do topo do mercado de trabalho para corpos negros e empurrando-os continuamente para a base da pirâmide ocupacional.

Essa barreira invisível, conhecida na sociologia e na psicologia como "teto de vidro", ganha contornos dramáticos no capitalismo contemporâneo, marcado pela precarização do trabalho e pela flexibilização de direitos. Como bem teoriza Antunes (2018), o cenário atual é definido pela expansão do fenômeno da "uberização" e pelo avanço do "privilégio da servidão", onde postos de trabalho formais e estáveis dão lugar a jornadas exaustivas, informais e sem garantias trabalhistas. É para essa engrenagem de subalternidade econômica que o dispositivo de racialidade destina a juventude negra periférica. A ausência de espelhos raciais em posições de alto prestígio e o bloqueio promovido pelo pacto da branquitude funcionam como mensagens sutis, porém devastadoras, que dizem ao jovem negro quais lugares ele está autorizado ou não a ocupar na sociedade.

A resposta psíquica a essa hostilidade estrutural é, muitas vezes, a adoção de defesas que remetem diretamente ao conceito fanoniano de uso de máscaras para sobrevivência, conforme aponta Fanon (2008). Ao perceberem que os códigos estéticos, linguísticos e comportamentais de sua própria cultura e identidade são lidos pelo mercado como "inferiores", "desleixados" ou "agressivos", os jovens negros se veem pressionados a monitorar e alterar radicalmente o seu jeito de falar, se vestir e se comportar para tentar serem minimamente aceitos nos espaços corporativos e de estudo. Essa exigência de branqueamento e autorregulação comportamental cobra um preço altíssimo à saúde mental. O sujeito vive em um estado de cisão permanente, ocultando sua singularidade e reprimindo sua corporalidade com o medo constante de ser descoberto ou rejeitado pelo olhar vigilante da branquitude. O sofrimento psicossocial, portanto, advém dessa violência surda que exige do jovem negro a anulação de si como pedágio para acessar a sobrevivência material.

Interseccionalidade, território e estratégias de resistência

A análise das aspirações profissionais da juventude negra estaria incompleta se tratasse o grupo de forma homogênea ou meramente passiva diante das estruturas de opressão. Torna-se imperativo adotar a lente da interseccionalidade, conforme estruturada nacionalmente por Akotirene (2019) e fundamentada no pensamento pioneiro de intelectuais como Gonzalez (2020) e Collins (2019). A interseccionalidade nos instrumentaliza a enxergar que as opressões de raça, gênero e classe não operam em linhas paralelas, mas cruzam-se de forma inseparável, criando matrizes específicas de dominação. Uma jovem negra periférica vivencia o peso do dispositivo de racialidade de forma distinta de um jovem negro do sexo masculino, pois sobre ela recaem

também as amarras do patriarcado e a hipersexualização histórica de seu corpo, variáveis que afetam diretamente o seu desenho de futuro profissional e as violências que enfrenta no cotidiano.

Esses marcadores sociais da diferença ganham corpo e concretude no espaço geográfico. Santos (2007) nos lembra que o espaço não é um mero receptáculo inanimado de ações humanas, mas sim uma força ativa, um "espaço geográfico" que reproduz e aprofunda as desigualdades sociais. A periferia urbana das cidades brasileiras carrega as marcas da segregação territorial, traduzida na escassez dos polos de emprego qualificado. Habitar a periferia significa enfrentar uma barreira geopolítica que restringe a mobilidade e o acesso às redes de capital social.

Essa realidade geográfica dialoga diretamente com os escritos literários e biográficos de Jesus (2014) em *quarto de despejo*, onde a autora traduz a experiência visceral da marginalidade urbana, demonstrando como a fome, a escassez material e o isolamento territorial funcionam como mecanismos de aprisionamento do sujeito, limitando sua energia vital à pura luta pela sobrevivência diária.

No entanto, onde opera o poder, opera também a resistência. Frente a essa matriz de dominação que articula raça, gênero, classe e território, os estudantes negros desenvolvem táticas sofisticadas de agência e resiliência psíquica para continuar buscando seus sonhos. Conforme discute Souza (1983, p. 17) em sua obra clássica *Tornar-se negro*, a construção de uma identidade negra positiva em um país racista constitui um autêntico ato de insurgência política. Esse processo exige que o sujeito rompa com o ideal de ego branco introjetado pela opressão e passe a construir o orgulho de sua história, de seus traços e de sua ancestralidade.

Nas narrativas juvenis, essa resistência frequentemente se ancora na família, sobretudo na figura materna, que surge não como um elemento de reprodução individualista, mas como um núcleo de suporte emocional e um projeto coletivo de reparação e mobilidade social. Da mesma forma, a representatividade, o ato de enxergar outros corpos negros ocupando espaços de prestígio acadêmico ou profissional, funciona como um poderoso contradispositivo de racialidade, desarmando os gatilhos de ameaça do estereótipo e realimentando o horizonte do possível. Assim, amparados por esses saberes subjugados e redes de afeto, os jovens reinventam seus caminhos e utilizam a educação crítica como ferramenta de desalienação e emancipação subjetiva.

Os referenciais apresentados subsidiaram o planejamento da atividade extensionista desenvolvida pelos acadêmicos do curso de Psicologia. A partir dessas contribuições teóricas, foram elaboradas estratégias de diálogo e reflexão sobre escolha profissional e relações étnico-raciais, buscando promover espaços de escuta e problematização junto aos estudantes do ensino médio. Dessa forma, a fundamentação teórica orientou tanto a organização da ação quanto as reflexões construídas pelos extensionistas ao longo da experiência.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um Relato de Experiência, elaborado a partir de uma atividade extensionista desenvolvida por acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Mais de Ituiutaba, em parceria com uma escola pública estadual do município de Ituiutaba-MG.

A ação extensionista foi planejada com o objetivo de promover um espaço de diálogo e reflexão acerca da escolha profissional, das expectativas de futuro e das relações étnico-raciais, buscando aproximar os conhecimentos produzidos na universidade das demandas vivenciadas no contexto escolar. Para o planejamento das atividades, os acadêmicos fundamentaram-se em referenciais da Psicologia Crítica e Social, especialmente nas discussões sobre racismo estrutural, identidade, representatividade, ameaça do estereótipo e escolha profissional.

A atividade foi desenvolvida nas dependências da instituição de ensino parceira, contando com a participação de estudantes regularmente matriculados no Ensino Médio. A organização da ação ocorreu em articulação com a equipe gestora da escola, que colaborou na divulgação da proposta e na mobilização dos estudantes interessados em participar das atividades.

Durante o encontro, os acadêmicos conduziram uma dinâmica baseada na escuta qualificada e no diálogo, utilizando um roteiro com questões abertas como recurso facilitador das discussões. As perguntas abordavam aspectos relacionados aos projetos de vida, às expectativas profissionais, às experiências escolares e às percepções acerca das relações étnico-raciais, favorecendo a construção coletiva de reflexões sobre os desafios enfrentados pela juventude negra na elaboração de seus percursos acadêmicos e profissionais.

Ao longo da atividade, os extensionistas registraram as percepções decorrentes da experiência, considerando tanto as discussões desenvolvidas quanto as reflexões produzidas durante o contato com os estudantes. Esses registros subsidiaram a elaboração do presente relato, cujo foco recai sobre a experiência vivenciada pelos acadêmicos, as aprendizagens construídas durante a ação extensionista e as contribuições da atividade para a formação profissional em Psicologia.

Desse modo, o presente manuscrito não tem por finalidade produzir generalizações ou apresentar resultados de uma investigação científica, mas compartilhar uma experiência extensionista, evidenciando as potencialidades da aproximação entre universidade e escola para a promoção de práticas educativas comprometidas com a equidade, os direitos humanos e a formação crítica dos futuros profissionais da Psicologia.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E ANÁLISE DE DADOS

A atividade extensionista foi desenvolvida em parceria com uma escola pública estadual do município de Ituiutaba-MG, respeitando os princípios éticos que orientam as ações de extensão universitária e a atuação em Psicologia. Durante todo o desenvolvimento da atividade, buscou-se assegurar um ambiente de acolhimento, escuta respeitosa, participação voluntária e valorização das experiências compartilhadas pelos estudantes.

Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, todas as situações e falas apresentadas neste relato foram mantidas em anonimato, sendo utilizados identificadores numéricos apenas para ilustrar as reflexões produzidas durante a experiência extensionista.

As informações compartilhadas foram empregadas exclusivamente para fins de descrição da experiência vivenciada pelos acadêmicos, sem a intenção de produzir generalizações ou inferências sobre o público participante.

A condução da atividade ocorreu em diálogo com a equipe gestora da instituição parceira, que colaborou na organização do encontro e na disponibilização de um espaço adequado para a realização das ações propostas. Durante todo o processo, os acadêmicos atuaram pautados pelos princípios do respeito à diversidade, da promoção dos direitos humanos, da valorização das relações étnico-raciais e do compromisso ético inerente à formação e à prática profissional em Psicologia.

As reflexões apresentadas neste manuscrito decorrem das percepções construídas pelos extensionistas durante o planejamento, a realização e a avaliação da atividade, evidenciando as contribuições da experiência para a formação acadêmica e para o fortalecimento da aproximação entre universidade e escola.

RELATO DA EXPERIÊNCIA E REFLEXÕES DOS ACADÊMICOS

A atividade extensionista proporcionou aos acadêmicos do curso de Psicologia uma oportunidade de vivenciar, na prática, os desafios relacionados à condução de ações educativas voltadas à escolha profissional e às relações étnico-raciais no contexto escolar. Ao longo do encontro, o espaço construído favoreceu a escuta, o diálogo e a troca de experiências entre os estudantes participantes e os extensionistas, possibilitando reflexões que extrapolaram os conteúdos previamente planejados.

As discussões desenvolvidas evidenciaram que as expectativas em relação ao futuro profissional são atravessadas por diferentes fatores sociais, econômicos e raciais, revelando a complexidade que envolve a construção dos projetos de vida da juventude. Durante a atividade, os acadêmicos puderam observar que muitos estudantes relacionavam suas escolhas profissionais não apenas aos interesses pessoais, mas também às condições objetivas de acesso à educação, ao mercado de trabalho e às experiências de discriminação vivenciadas em seus cotidianos.

Nesse contexto, as falas compartilhadas pelos estudantes não são apresentadas neste manuscrito como dados de pesquisa, mas como registros que ilustram situações vivenciadas durante a ação extensionista e que favoreceram importantes reflexões para a formação dos acadêmicos. As experiências relatadas contribuíram para ampliar a compreensão dos extensionistas acerca dos impactos do racismo estrutural, da representatividade, da escola e das redes de apoio na construção das expectativas de futuro da juventude negra.

Com o objetivo de organizar essas reflexões, a experiência foi apresentada em eixos temáticos construídos a partir das situações observadas

ao longo da atividade, buscando evidenciar as principais aprendizagens produzidas durante o desenvolvimento da ação extensionista.

Reflexões sobre as expectativas de futuro e escolha profissional

Durante o desenvolvimento da atividade extensionista, os acadêmicos observaram que as discussões sobre escolha profissional mobilizaram reflexões que ultrapassavam as preferências individuais dos estudantes. As expectativas de futuro apresentadas durante o encontro mostraram-se relacionadas às condições sociais, econômicas, raciais e territoriais vivenciadas pelos participantes, evidenciando a complexidade envolvida na construção de seus projetos de vida.

O espaço de diálogo possibilitou que os estudantes compartilhassem seus interesses profissionais, suas expectativas e também as inseguranças relacionadas ao ingresso no ensino superior e no mercado de trabalho. Para os extensionistas, essa experiência favoreceu a compreensão de que a escolha profissional não pode ser interpretada apenas como resultado da vontade individual, pois as possibilidades percebidas pelos jovens são atravessadas pelas oportunidades concretas de acesso à educação, pelas condições socioeconômicas e pelas desigualdades presentes na sociedade.

Uma das falas compartilhadas durante a atividade ilustra a coexistência entre o desejo de alcançar profissões socialmente valorizadas e o reconhecimento das desigualdades que podem dificultar esse percurso:

> *"Direito ou Medicina. Ao mesmo tempo que acho que seria possível, eu penso que às vezes não seria, pelo o fato que hoje temos muita desigualdade social, mais não vai ser isso que vai me fazer desistir, pois com o tempo você aprende a lidar."*

Para os acadêmicos, essa fala evidenciou a tensão entre o desejo de construir um futuro profissional e a percepção das barreiras sociais que podem limitar as possibilidades de determinados grupos. A experiência permitiu refletir que o interesse por profissões como Direito e Medicina não aparece desvinculado das condições concretas de vida, mas acompanhado do reconhecimento das desigualdades que atravessam o acesso a essas carreiras.

Essa reflexão aproxima-se das contribuições de Souza (2017), ao discutir como as desigualdades sociais não atingem apenas as condições materiais de existência, mas também influenciam a maneira como os sujeitos percebem suas possibilidades de futuro. Apesar das dificuldades reconhecidas, a fala também expressou uma postura de persistência, demonstrando que o reconhecimento das barreiras não implica necessariamente a desistência do projeto profissional.

Outra situação compartilhada durante a ação chamou a atenção dos extensionistas para a influência exercida pelos discursos de outras pessoas sobre a construção das expectativas profissionais:

> *"Advogada, sempre quis trabalhar em algo de administração, mas acabei desistindo com tantas pessoas e os homens que fala que não*

> *seria possível, mas mesmo assim tenho todos os meus estudos para conseguir vencer em qualquer área que eu quiser fazer futuramente".*

Essa manifestação possibilitou aos acadêmicos refletirem sobre como julgamentos e discursos desqualificadores podem interferir na confiança dos estudantes e na percepção de suas próprias capacidades. Ao mesmo tempo, a fala apresentou um movimento de reafirmação, uma vez que a estudante reconheceu os estudos e a dedicação como possibilidades de retomada e sustentação de seu projeto profissional.

A experiência compartilhada pode ser compreendida à luz do conceito de dispositivo de racialidade apresentado por Carneiro (2023), especialmente quando discursos sociais contribuem para desqualificar a capacidade intelectual e restringir simbolicamente os lugares considerados possíveis para determinados sujeitos. Também permitiu aos extensionistas relacionar essas situações às discussões de Bento (2022) sobre o pacto da branquitude e sobre a permanência de barreiras que dificultam a presença de pessoas negras em espaços de poder e prestígio social.

Durante a atividade, também foram mencionadas profissões relacionadas ao cuidado e à saúde, acompanhadas de preocupações referentes às condições necessárias para realizar a formação desejada:

> *"Biomédica e psicóloga. Psicóloga me faz pensar no próximo e a forma de entender diferentes mundos e pensamentos, algo que eu faria com amor. Biomédica, a responsabilidade, a distância são coisas que me desanimam."*

Esse relato chamou a atenção dos acadêmicos para a importância do território e da disponibilidade de oportunidades educacionais na construção das escolhas profissionais. A referência à distância demonstrou que o interesse por determinada formação pode ser atravessado pelas dificuldades de deslocamento, pela ausência de cursos próximos e pelos custos relacionados ao acesso ao ensino superior.

Essa percepção dialoga com Santos (2007), para quem o espaço geográfico participa ativamente da produção das desigualdades sociais. Nesse sentido, morar em determinadas regiões pode ampliar as dificuldades de acesso às instituições de ensino e aos espaços de formação profissional, fazendo com que a escolha de uma carreira dependa não apenas do desejo individual, mas também das condições concretas de mobilidade e permanência.

A vivência desse momento possibilitou aos extensionistas compreenderem que trabalhar a escolha profissional no contexto escolar exige uma abordagem ampliada e socialmente comprometida. Mais do que auxiliar os estudantes a identificarem interesses ou habilidades, a orientação profissional precisa considerar as desigualdades sociais, raciais e territoriais que atravessam seus projetos de vida.

Para os acadêmicos de Psicologia, a experiência contribuiu para questionar práticas de orientação profissional centradas exclusivamente no indivíduo. As falas compartilhadas durante a atividade reforçaram a

necessidade de uma atuação que acolha as inseguranças dos estudantes, reconheça as barreiras estruturais e, ao mesmo tempo, fortaleça sua autonomia e sua capacidade de construir possibilidades de futuro.

A escola como espaço de acolhimento pertencimento e reflexão

Durante a realização da atividade extensionista, os acadêmicos perceberam que a escola ocupava um lugar ambíguo nas experiências compartilhadas pelos estudantes. Ao mesmo tempo em que era reconhecida como um espaço de aprendizagem e construção de projetos de futuro, também aparecia como um ambiente no qual situações de preconceito, exclusão e sofrimento eram vivenciadas no cotidiano.

As discussões desenvolvidas ao longo do encontro evidenciaram que o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar estava diretamente relacionado à qualidade das relações estabelecidas no contexto educativo. Os extensionistas observaram que, para muitos estudantes, a permanência na escola não dependia apenas do acesso ao ensino, mas também da existência de relações respeitosas, da valorização da diversidade e do reconhecimento de suas identidades. Uma das falas compartilhadas durante a atividade ilustra essa percepção:

> "*Sim, acho a escola um ambiente para mim, mas às vezes algumas brincadeiras fazem você ficar triste. Sim, gosto de estar na escola, por mais que às vezes tenha algumas coisas que te chateiem, ela é um lugar agradável. ”*

Para os acadêmicos, esse relato evidenciou que situações aparentemente naturalizadas, como determinadas "brincadeiras", podem produzir impactos significativos no bem-estar dos estudantes. A experiência permitiu refletir sobre como manifestações discriminatórias, ainda que frequentemente minimizadas no cotidiano escolar, podem contribuir para sentimento de tristeza, insegurança e afastamento.

Essas reflexões dialogam com Silva (2019), ao discutir o racismo recreativo como uma forma de violência simbólica frequentemente disfarçada de humor, mas que produz consequências importantes para aqueles que a vivenciam. Durante a atividade, tornou-se evidente para os extensionistas a necessidade de que a escola desenvolva práticas capazes de reconhecer e enfrentar essas manifestações. Outro momento da atividade reforçou essa percepção:

> *“Sim, venho para estudar e aprender, assim como todos, pois queremos um futuro melhor e temos direito. Um pouco [gosto], muitas pessoas nos julgam por ser o que somos, acham tudo vergonhoso e fazem qualquer situação sensível uma chacota. ”*

Essa fala favoreceu reflexões sobre a importância da escola como espaço de garantia de direitos e de promoção da convivência respeitosa. Os acadêmicos compreenderam que experiências de julgamento e desqualificação podem interferir não apenas no desempenho escolar, mas também na

construção da autoestima, do pertencimento e das expectativas de futuro dos estudantes.

Ao mesmo tempo, a atividade também evidenciou experiências positivas relacionadas ao ambiente escolar. Uma das estudantes destacou:

> *"Sim, eu acredito que aprendi muito aqui. Eu sempre tinha muito medo e vergonha, e a escola mostrava que não precisava. A escola foi mais que uma escola para mim. Sim, porque lá aprendi muito sobre racismo e etc. A escola foi muito mais que uma simples escola; gostei de estar aqui, me senti bem. "*

Para os extensionistas, esse relato demonstrou o potencial transformador das instituições de ensino quando promovem espaços de diálogo, acolhimento e educação para as relações étnico-raciais. A fala permitiu compreender que práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade podem fortalecer o sentimento de pertencimento, contribuir para o desenvolvimento da autoestima e ampliar as possibilidades de participação dos estudantes.

Essa experiência reforçou, para os acadêmicos de Psicologia, que a escola pode assumir um papel fundamental na promoção da saúde mental e no enfrentamento das desigualdades sociais e raciais. Mais do que um espaço destinado à transmissão de conteúdo, o ambiente escolar mostrou-se um importante cenário para a construção de vínculos, para o fortalecimento identitário e para o desenvolvimento de ações educativas comprometidas com os direitos humanos e com a inclusão social.

Ao final desse momento da atividade, os extensionistas reconheceram que a aproximação entre universidade e escola amplia as possibilidades de atuação da Psicologia, favorecendo práticas que articulam escuta, reflexão crítica e compromisso social na construção de ambientes escolares mais acolhedores e inclusivos.

Representatividade construção das expectativas profissionais

Ao longo da atividade extensionista, outro aspecto que mobilizou importantes reflexões entre os acadêmicos foi a influência da representatividade na construção das expectativas profissionais dos estudantes. Durante os diálogos, observou-se que a presença — ou a ausência — de pessoas negras ocupando espaços de destaque nas diferentes profissões interferia na forma como os participantes percebiam suas próprias possibilidades de futuro.

As conversas evidenciaram que muitos estudantes associavam a representatividade à ampliação das perspectivas de pertencimento e ao fortalecimento da confiança para investir em seus projetos profissionais. Ao mesmo tempo, também foram compartilhadas percepções relacionadas à dificuldade de visualizar pessoas negras ocupando cargos de liderança, posições de prestígio ou profissões historicamente marcadas pela baixa diversidade racial. Essa percepção pode ser observada na seguinte fala:

> *"Não, e sinto frustração, porque somos todos iguais, temos os mesmos direitos e deveres, independentemente da cor, essa lógica deveria ser seguida, mas infelizmente não é."*

Para os acadêmicos, esse relato possibilitou refletir sobre como a ausência de representatividade pode produzir sentimento de frustração e limitar simbolicamente os horizontes profissionais da juventude negra. A experiência reforçou a compreensão de que a igualdade formal de direitos nem sempre corresponde às oportunidades concretamente vivenciadas pelos estudantes em seu cotidiano.

As discussões realizadas durante a atividade dialogaram com Bento (2022), ao evidenciar como as estruturas sociais ainda dificultam a ocupação de determinados espaços por pessoas negras. Nesse sentido, os extensionistas compreenderam que a representatividade extrapola a dimensão simbólica, constituindo-se também como elemento importante para o fortalecimento da autoestima, da identidade e da percepção de pertencimento.

Em contrapartida, outros estudantes destacaram o impacto positivo de visualizar pessoas negras exercendo profissões de prestígio social:

> *"Sim, nossa, para mim é inspirador. Eu sinto que ela conseguiu ultrapassar todos os níveis. E essa é a minha meta. "*

Essa manifestação chamou a atenção dos acadêmicos para o potencial inspirador da representatividade. Durante a atividade, tornou-se evidente que o reconhecimento de trajetórias profissionais bem-sucedidas podem fortalecer a crença dos estudantes em suas próprias possibilidades, contribuindo para a ampliação de seus projetos de vida. Outra estudante reforçou essa percepção ao afirmar:

> *"Sim, me sinto bem, pois vejo muitas coisas que vêm mudando diante da sociedade; não tem cor para profissão nenhuma. "*

Para os extensionistas, essa fala revelou uma perspectiva de esperança e transformação social, indicando que mudanças na ocupação de diferentes espaços profissionais vêm sendo percebidas pelos próprios estudantes. Ao mesmo tempo, suscitou reflexões sobre a importância da continuidade de ações voltadas ao enfrentamento das desigualdades raciais e à valorização da diversidade nos diferentes contextos sociais e profissionais.

As experiências compartilhadas durante esse momento da atividade permitiram aos acadêmicos compreender que a representatividade exerce papel significativo na construção das expectativas profissionais da juventude. Mais do que reconhecer a existência de profissionais negros em diferentes áreas, os estudantes demonstraram a necessidade de visualizar trajetórias possíveis, capazes de fortalecer o sentimento de pertencimento e ampliar as perspectivas de futuro.

Para os acadêmicos de Psicologia, essa vivência reafirmou a importância de desenvolver práticas extensionistas que promovam o diálogo sobre identidade, diversidade e representatividade, contribuindo para a

construção de espaços educativos que valorizem diferentes histórias de vida e favoreçam o fortalecimento dos projetos profissionais dos estudantes.

Reflexões sobre identidade, estereótipos e relações étnico- raciais

Durante o desenvolvimento da atividade extensionista, os acadêmicos também foram convidados a refletir sobre como os estereótipos sociais e raciais influenciam a construção da identidade e as experiências vivenciadas pelos estudantes em diferentes espaços sociais. As discussões evidenciaram que aspectos relacionados à aparência, ao modo de vestir, ao comportamento e à forma de se expressar frequentemente são percebidos pelos jovens como fatores capazes de interferir na maneira como são vistos e tratados pela sociedade.

Ao longo dos diálogos, observou-se que muitos estudantes relataram adaptar determinados comportamentos ou sentir preocupação com a forma como seriam avaliados em ambientes escolares e profissionais. Essas experiências favoreceram importantes reflexões entre os extensionistas acerca dos impactos subjetivos produzidos pelas desigualdades raciais e sociais. Uma das falas compartilhadas durante a atividade ilustra essa percepção:

> *"Sim, o meu jeito de vestir, todos te julgam se não usar uma roupa que seja de marca ou que está na moda."*

Para os acadêmicos, esse relato evidenciou que as preocupações relacionadas à aparência extrapolam questões estéticas e estão associadas ao desejo de aceitação e pertencimento. A experiência possibilitou compreender que os padrões socialmente valorizados podem produzir sentimentos de inadequação, especialmente entre estudantes que vivenciam diferentes formas de vulnerabilidade social.

Essas reflexões dialogam com Antunes (2018), ao discutir como as exigências impostas pela sociedade contemporânea ultrapassam a dimensão do trabalho e alcançam também aspectos relacionados à aparência, ao consumo e à construção da identidade social. Outro relato chamou a atenção dos extensionistas para os impactos do racismo no cotidiano dos estudantes:

> *"Sim, na maioria das vezes, pois como a minha vó sempre fala: 'você já é preta, vai sair assim', mas não em forma desconfortável, seria mais medo da sociedade mesmo. "*

Essa fala favoreceu reflexões sobre como o racismo pode influenciar práticas cotidianas e produzir comportamentos marcados pela necessidade constante de vigilância e autoproteção. Para os acadêmicos, tornou-se evidente que experiências dessa natureza repercutem não apenas na forma como os estudantes ocupam os diferentes espaços sociais, mas também na construção de sua identidade e de suas expectativas em relação ao futuro.

As discussões realizadas durante a atividade aproximaram-se das contribuições de Fanon (2008), ao evidenciar os impactos psicossociais produzidos pelo racismo e pelos processos de discriminação, bem como da

necessidade de construir espaços que favoreçam o reconhecimento e a valorização das identidades negras.

Ao mesmo tempo, a experiência também possibilitou identificar manifestações de fortalecimento identitário e valorização da própria trajetória, como pode ser observado na fala de uma das estudantes:

> *"Sim, me senti, mas nunca mudei porque gosto de quem eu sou. Também trabalho, esforço e dedicação, não apresentação."*

Para os extensionistas, essa manifestação evidenciou processos de afirmação da identidade e de resistência frente às pressões sociais para adequação a determinados padrões. A fala reforçou a importância de reconhecer que os estudantes não apenas enfrentam situações de desigualdade, mas também constroem estratégias de fortalecimento pessoal e valorização de suas próprias histórias.

A vivência dessa etapa da atividade contribuiu para ampliar a compreensão dos acadêmicos acerca da complexidade das relações entre identidade, autoestima, pertencimento e escolha profissional. Mais do que discutir conceitos teóricos, a aproximação com as experiências compartilhadas pelos estudantes possibilitou refletir sobre a necessidade de uma atuação psicológica comprometida com o enfrentamento das desigualdades, com a promoção dos direitos humanos e com o fortalecimento das identidades.

Ao final desse momento, os extensionistas reconheceram que atividades voltadas às relações étnico-raciais representam importantes espaços de formação, tanto para os estudantes participantes quanto para os futuros profissionais de Psicologia, favorecendo práticas fundamentadas na escuta, no respeito à diversidade e na construção de intervenções socialmente comprometidas.

Aprendizagens sobre redes de apoio, resistência e atuação em Psicologia

O encerramento da atividade extensionista possibilitou aos acadêmicos refletirem sobre os fatores que fortalecem a construção dos projetos de vida dos estudantes, mesmo diante das desigualdades sociais e raciais discutidas ao longo do encontro. Entre os aspectos mais frequentemente mencionados pelos participantes, destacaram-se a importância da família, das redes de apoio e da persistência na busca pelos objetivos pessoais e profissionais.

Durante as conversas, os extensionistas observaram que o apoio familiar ocupava lugar central nas expectativas de futuro compartilhadas pelos estudantes. Em diferentes momentos, os participantes relacionaram seus projetos profissionais não apenas à realização individual, mas também ao desejo de contribuir para o bem-estar de suas famílias e transformar suas condições de vida. Essa percepção pode ser observada na seguinte fala:

> *"Mãe e irmão, minha motivação para sair todos os dias para trabalhar, para ajudar dentro de casa de forma financeira e emocional. Estudo porque quero ser alguém, ter uma profissão que eu goste e me sinta bem."*

Para os acadêmicos, esse relato evidenciou que a escolha profissional assumia um significado que ultrapassava a dimensão individual, estando fortemente vinculada aos vínculos afetivos e ao desejo de proporcionar melhores condições de vida às pessoas mais próximas. A experiência favoreceu a compreensão de que os projetos profissionais da juventude também são construídos a partir das responsabilidades, dos afetos e das histórias compartilhadas no contexto familiar.

Essa reflexão aproxima-se das discussões de Jesus (2014), ao evidenciar como as condições sociais e econômicas influenciam as trajetórias de vida, e das contribuições de Akotirene (2019), ao reconhecer que diferentes marcadores sociais atravessam as possibilidades de acesso a direitos e oportunidades. Outro momento marcante da atividade foi a manifestação de um estudante ao refletir sobre aquilo que representaria alcançar seus objetivos profissionais:

> *"Acho que seria a glória de olhar para trás e falar: apesar de tudo eu consegui."*

Para os extensionistas, essa fala sintetizou grande parte das reflexões produzidas ao longo da experiência. Mais do que representar uma conquista individual, a expressão "apesar de tudo" remete às diferentes barreiras sociais, econômicas e raciais discutidas durante a atividade, evidenciando que a construção de um projeto de futuro envolve também processos de resistência, perseverança e fortalecimento da identidade.

Ao final da ação, os acadêmicos reconheceram que o contato direto com as experiências compartilhadas pelos estudantes ampliou sua compreensão acerca das múltiplas dimensões envolvidas na escolha profissional. A vivência permitiu perceber que a atuação da Psicologia nesse contexto ultrapassa modelos tradicionais de orientação profissional, exigindo práticas fundamentadas na escuta qualificada, na promoção da equidade e no reconhecimento das desigualdades que atravessam a realidade da juventude.

A experiência extensionista também favoreceu o desenvolvimento de competências relacionadas ao trabalho em equipe, ao planejamento de intervenções, à condução de grupos, à comunicação e à articulação entre conhecimentos teóricos e prática profissional. Além disso, possibilitou aos acadêmicos refletirem sobre seu compromisso ético diante das demandas sociais apresentadas pelos estudantes e sobre o papel da Psicologia na promoção dos direitos humanos e da justiça social.

Ao término da atividade, tornou-se evidente para os extensionistas que ações de extensão universitária constituem importantes espaços de formação profissional, pois permitem vivenciar situações concretas de atuação, fortalecer o compromisso social da universidade e aproximar os futuros psicólogos das realidades presentes nas instituições de ensino e nas comunidades em que atuarão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A experiência extensionista relatada neste trabalho possibilitou aos acadêmicos do curso de Psicologia vivenciar, de maneira concreta, a aproximação entre os conhecimentos construídos na universidade e as demandas presentes no contexto escolar. O planejamento, a execução e a avaliação da atividade favoreceram reflexões acerca da escolha profissional, das relações étnico-raciais e dos desafios enfrentados por estudantes do ensino médio na construção de seus projetos de vida.

Ao longo da ação, os extensionistas puderam compreender que as expectativas profissionais dos estudantes são influenciadas por fatores que extrapolam interesses individuais, envolvendo aspectos sociais, econômicos, culturais e raciais. As experiências compartilhadas durante os encontros reforçaram a importância de uma atuação psicológica comprometida com a escuta qualificada, com a valorização das diferentes trajetórias de vida e com o reconhecimento das desigualdades que atravessam os processos educativos.

A vivência também permitiu aos acadêmicos ampliar sua compreensão sobre a relevância da representatividade, das redes de apoio e do fortalecimento identitário na construção das perspectivas de futuro da juventude. As discussões realizadas evidenciaram que a escola pode constituir-se como um importante espaço de acolhimento, diálogo e promoção dos direitos humanos, especialmente quando desenvolve ações voltadas à valorização da diversidade e ao enfrentamento das desigualdades sociais e raciais.

No âmbito da formação profissional, a atividade extensionista contribuiu para o desenvolvimento de competências relacionadas ao planejamento de intervenções, ao trabalho em equipe, à condução de grupos, à escuta qualificada e à articulação entre teoria e prática. Além disso, favoreceu o fortalecimento do compromisso ético-político da Psicologia com a promoção da equidade, da justiça social e da cidadania.

A experiência reafirma o potencial da extensão universitária como estratégia de formação crítica e de aproximação entre universidade e comunidade. Ao promover espaços de diálogo entre acadêmicos e estudantes da educação básica, ações dessa natureza contribuem não apenas para o processo formativo dos futuros psicólogos, mas também para o fortalecimento de práticas educativas comprometidas com a inclusão, o respeito à diversidade e a construção de oportunidades mais equitativas.

Espera-se que a experiência aqui relatada possa incentivar o desenvolvimento de novas ações extensionistas voltadas à orientação profissional, às relações étnico-raciais e à promoção da saúde mental no contexto escolar, fortalecendo a integração entre instituições de ensino superior e escolas públicas e ampliando as possibilidades de atuação social da Psicologia.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo: [s.n.], 2002. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciousness e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: O legado da "raça branca". v. 1. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diários. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).
SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA, Adilson Moreira da. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

SCHMADER, Toni; JOHNS, Michael; FORBES, Chad. An integrated process model of stereotype threat effects on performance. **Psychological Review**, v. 115, n. 2, p. 336-356, 2008.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

STEELE, Claude M. **Whistling Vivaldi**: How stereotypes affect us and what we can do. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

STEELE, Claude M.; ARONSON, Joshua. Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 5, p. 797-811, 1995.